

“Orfeu da Conceição”, no Municipal

A *tragédia carioca* de Vinícius de Moraes surgiu de maneira algo prematura no Municipal, a experiência devia ter sido feita num palco menos saturado de obras geniais, menos freqüentado por grandes intérpretes universais. O Orfeu do morro tinha que sofrer a presença invisível do Orfeu de Gluck. E isso causou constrangimento a todos que compareceram ao teatro, e a produção de Vinícius de Moraes não obteve, nem de longe, o êxito de “Porgy and Bess”, também história de pretos. Faltou ao “Orfeu da Conceição” o sentido integral de espetáculo, o justo equilíbrio entre declamação, canto e bailado. A tragédia não se definiu em nenhum momento, a gente custava a encontrar o enredo na excessiva intromissão da música, dos efeitos plásticos construídos em ritmo demasiado lento na ação dos personagens. O segundo ato foi *ballet* na base de acompanhamento dos instrumentos de percussão. No final, nada pior do que a retirada do palco, em maca, da alucinada mãe de Orfeu. Convite ao riso, em plena tragédia. A “Dama Negra”, uma boa idéia, mas realizada sem transcendência, lembrando teatrinho de colégio primário. A voz de Orfeu, desafinada, feia nas partes cantadas, em desacôrdo com o esplêndido violão de Luiz Bonfá, solista e acompanhador. Também os ensaios de luz não pareceram suficientes. E longa seria a enumeração dos defeitos que desviaram “Orfeu da Conceição” de sua trajetória de arte, no decorrer da representação. Arte? Sim. O poema de Vinícius de Moraes traz um conceito novo, pelo processo que o autor denominou de “associação caótica”, na qual os festejos e macumbas dos negros do Rio são marcados, tal qual na Grécia antiga, pelo sentimento dionisíaco da vida. Pena é que os negros de Vinícius não tenham usado sempre a bela linguagem poética de Orfeu, aparecendo no texto expressões chulas da gíria carioca. O artifício só prejudicou a peça, quebrando o enlêvo do mito. E esse enlêvo pela primeira vez alcançado na literatura teatral brasileira sobre tema popular — o morro — é que deve ser preservado, burilado, completado. “Orfeu da Conceição” não é obra para ser arquivada. Quantos anos os americanos levaram para preparar “Porgy and Bess?” Vinícius de Moraes descobriu o mundo novo, o morro, como expressão artística. Resta a seleção de intérpretes, a começar por um outro Orfeu, que Haroldo Costa não conseguiu encarnar a contento. Zeny Pereira, figura admirável no elenco, distanciada pelo talento dos demais atôres. Daisy Paiva não foi Eurídice nem por um minuto. Melhor, Lea Garcia, a Mira de Tal. Os demais elementos, fracos, como que alheios aos seus modelos gregos. Muito bom o cenário de Oscar Niemeyer. A música de Antônio Carlos Jobim merece aprimoramento. A coreografia, idem. E a direção de Leo Jusi tem altos e baixos, carecendo de nível uniforme. Leo Peracchi, na regência, um valor a conservar nas futuras récitas de “Orfeu da Conceição”.